

ESTAFETA

PERIODICO IMPARCIAL

Proprietario e principal Redactor—José Pereira Lopes.

ANNO I	E. UNIDOS DO BRASIL	ASSIGNATURAS Por anno: Capital 8\$000 Interior 10\$000	THEREZINA, 18 de Dezembro de 1898	REDACÇÃO E OFFICINAS: Praça de Uru- guayana n.º 47.	ESTADO DO PIAUHY	NUMERO 58
--------	---------------------------	---	-----------------------------------	--	------------------------	-----------

Redactores—Drs. Laudelino Baptista e Abdias Neves.

CHRONICA

O sr. Bruno Ruiz pedio-me a publicação da seguinte

Carta aberta

Sr. Bento de M.

Li o seu «mal alinhavado» desconjunctado, congocoso e polybestico bilhete, de domingo, e, com franqueza, minha primeira idéa foi deixal-o declamar no deserto, muito certo de que sua voz esgançada de taboca rachada não seria ouvida. V., porem, *el valiente caballero de la triste Figura, mucho querido de las mujeres e de los hombres; usted el chiquito nino,* pareceu-me muito e muito desfrutavel, e volto á carga esperando vel-o ainda na arena, de vizeira cahida, capacete corruscante, fina malha sob a luzente armadura, presto para a liça, tendo na bandeira não o *par aguizar el haron*, historico, mas *par los derechos de los ninos!* V. defende uma causa immensamente sympathica, e, quer que diga mais? quando escrevi a minha carta sabia que seria V. quem erguer-se-ia em prol do direito dos minusculos e microscopicos *caballeros,—los buenos saltarrellos;*—sabia porque o seu *frontespicio* é de cavalheiro andante, a sua cara é de D. Quixote!

Mas, meu caro sr. Bento de Mosledic, veja que pode sahir-se mal; sei que é um moço (se é velho é gaiteiro, não ha duvida) é um moço, repito, de idéas a D. João Tenorio, conquistador de corações; quem lhe diz, pois, que no proximo numero do *Estafeta*, eu, zangado com a sua aggressão, destemperada como a sua propria pessoa, não publicarei em letras bem grandes, garrafaes mesmo (a palavra *garrafaes*

não é uma allusão a si) a historia circumstanciada, minuciosa, das dez vezes que tem sido infeliz nos seus amores de menino de collegio?

Já tenho os apontamentos precisos para esse fim, e é bem possivel que manipule mais essa pilula não muito assucarada para si, mas, de um effeito inconcebivel para os leitores deste periodico...

Antes de terminar quero dar-lhe um conselho: limpe a sua durindana melhor quando tiver de talhar os seus artigos; o ultimo esteve cinco dias de viagem abaixo da critica.

Adeus! Domingo creio que de novo terá montado em si o seu respeitador

Bruno Ruiz.

Com um brilhantismo nunca visto aqui em festejos religiosos, correu até o fim a trezena de S. Inzia em casa do sr. capitão João Costa.

Incontestavelmente, porem, as noites de sabbado, domingo e segunda-feira, as nltimas, foram as melhores.

O escol de nossa sociedade ali esteve, notando eu entre os presentes, nas duas derradeiras noites os exms. srs. dr. Governador do Estado e vice-governador.

Foi a 15 julgado o processo Leão e Tavares, muito conhecido dos leitores d'este jornal. Patrono dos accusados o dr. Archelão Mendes, mais uma prova deu do seu talento peregrino na brilhante defeza produzida, mais uma vez patenteou a variedade dos seus conhecimentos juridicos.

O conselho de sentença deu o seu *verdictum* absolvendo os réos.

Passou a 15 o anniversario da exm.ª sr.ª d. Christina Paz.

Deslumbrante, inexcelsivel, pela correcção que a

presidio, foi a *soirée* dançante realisada pelo coronel Paz na noite d'esse dia!

Festa intima, mas em que o riso borbuhava prazenteiro em todos os labios; festa intima mas em que o entusiasmo irrompia forte de todos os convidados, eu, minha gentil leitora, ao escrever estas linhas, sinto-me ainda muito impressionado para fazer-te uma descripção minuciosa d'essa *soirée*.

Dançou-se até duas e meia. Parabens a d. Christina; ao coronel Manoel da Paz, minhas prolfasas!

Depois de demorada estada no Amazonas, regressou a 16 á esta capital o capitão Pedro Campos.

A noite a familia do recém-chegado abriu os salões de sua casa a elite da sociedade theozinense realisando um baile que prolongou-se até alta madrugada.

Termino aqui; na primeira occasião serei mais extenso.

Au revoir.

Cirano de Bergerac.

Eserinio Litterario

BILHETE POSTAL

Meu caro sr. Valdivino Tito.

«Professus grandia turget» foi involuntariamente a phrase que soltei no intervalo de duas «guinadas de riso» ao terminar a leitura de sua ultima carta, carta que entrou-me de portas á dentro casquinando gargalhadas, borboleteante e irrequieta, como esses «pierrots» trajados de fofas vestes escarlates largamente lantejouladas, que cabriolam ruas em fóra nos dias festivos do carnaval!

O tamanho da missiva fez-me estremecer; temi, meu caro amigo, um sudorifico que nas condições vertentes faria o mesmo effeito que produziam as celebres applicações do dr. Sangria, da obra de Lesage; o seu humour, porem, felizmente para mim e a parte legente do pu-

blico, fez esquecer o infinito do corpo, para attender-se apenas a sua «verve inexaurível».

Não precisava affirmar-me que não tem «embocadura pare clown» porque de muito comprehendí que a sua embocadura é para bombo, ou por outros termos—para que não veja em mim inclinações nephelibaticas, há muito syllogisei que V. atacado da mania das exhibções quixotescas, gosta do brouhaha em torno a si, quer fazer zoadas em torno do seu nome, no intuito claro de obrigar a attenção publica a incidir sobre a sua individualidade!

V. soffre de «brotojeia litteraria» (a classificação é de um escriptor portuguez) e os symptomas mais evidentes são os artigos publicados neste jornal, respondendo-me, não na altura em que a discussão foi provocada, mas, de um modo buffo-comico.

Veja, porem, meu querido adversario que essa mania tem levado muita gente seria a mãos lances, e, lembro-me até do caso de um individuo que, desejoso de que occupassem-se de sua pessoa, foi á igreja e fez da pia o seu pot-au-chambre...

«Acho que o meu amigo não foi muito feliz na escolha da lenda com que abriu sua resposta. Outro tanto não lhe diria si, em lugar daquella lenda, procurasse nos «Contos populares» de Silvio Romero a historia do cagado que foi á festa no céu». Tem «indefectivel rasão», e confesso-lhe que pristinamente quiz servir-me della, não o fazendo simplesmente porque julguei que V. zangasse-se commigo destinando-lhe o modesto papel de cagado...

Explicando a demora na remessa dos artigos, disse: «Bem vê que não posso imitar os seus milagres de—parto sem gestação—» vejo, e vou até adiante, creio que a gestação para os seus partos deva ser de dez mezes...

Pela ultima vez toco na questão de escolas, em que concluo achando a rasão do meulado. E' o primeiro passo no sentido de reconhecer que na totalidade a verdade está commigo. Esse procedimento indica-me que vem cedo o dia em que deixando de parte qualquer prurido de

amor proprio, entoará convicto o «meu culpa», e rejubilo-me desde agora por ter concorrido de algum modo para trazelo ao bom caminho, rejubilo-me porque o seu talento é promettedor.

«Quandoque bonus dormitat Homerus», escreveu Horacio; ha motivo pois para vergonha em reconhecer o erro?

V. enganou se foi em entender que não ha uma lei que obrigue-o a deixar esse carrancismo em que molda suas producções

Ella existe; se não commina penalidades pela sua infracção, se não parte do poder legislativo, nem por isso perde um atomo da sua intensidade, nem por isso a sua orbita de acção é mais restricta; quero fallar da evoluçào!

O meu amigo citando a Constituição de 24 de Fevereiro, perdeu uma occasião magnifica de ficar calado; mostrou ignorar o proverbio italiano: «in bocca chiusa non entrò mai mosca», foi infeliz mesmo até o extremo.

E, chegado aqui, diga-me com franqueza, a que veio aquelle seu «pedaço de um discurso alambicado» collocado ali, completamente destoante, sem relação de nenhuma especie com o que escrevia, sem ponto algum de paridade com o artigo?

A vantagem unica que tem é ser engraçado, e se o seu intento era provocar o riso, garanto-lhe que o escôpo não podia ser melhor alcançado.

Com uns ares de professor de comedia, enfatuado e sabichão, voltou V. a questão dos versos agudos e graves.

Escreveu, porem, antes de entrar no assumpto: «O caso é que V. entrando no Templo da Arte julgou-se um novo Christo e como lá não encontrou vendelhões para expulsar, &&». Até que em fim tenho a explicação do motivo que levou-o a não aquiescer ao meu convite; até que emfim comprehendo porque deixou-se ficar irreverentemente de chapéo na cabeça á porta do Templo Eburneo; é claro, temeu que eu expulsasse a si logo depois de entrar, á falta de outros vendelhões.

Cumprimento-o pela ardiçea, que afinal de contas não é para admirar, tantas provas tem dado de argucia nesta discussão o meu muito e muito querido contendor.

E' o caso de dizer-se que V. descobriu o mel do pão, de tanto alcance foi a sua previsão!

Como certamente já notou, vou synthetizando o maximo possivel, apenas tocando nos pontos precipuos, pelo motivo unico de que o tempo e o espaço de que disponho desta vez são diminutissimos. Entro, pois, propriamente na materia.

Exemplificar de modo nenhum é resolver difficuldades;

o exemplo ou vem esclarecer, ou dar força á regra exposta, tendo portanto apenas um valor relativo, a meia dúzia de casos que V. lembrou em apoio a sua asserção sobre a indisciplina entre versos agudos e graves em uma mesma poesia. Já, porem, que entendeu de aqui fazer critica puramente classificativa, acompanho-o no terreno e vou procurar entre os seus autores preferidos casos que sirvão-me, e que são immensamente frequentes nas «Primaveras» e nos «Sonetos e Rimas».

Desafio-o solemnemente a q'dê-me uma demonstração cabal do movel do poeta guardando a uniformidade que passo a apresentar, e que para ser obra do acaso é mais admiravel que o tal malagre «de parto sem gestação».

Abra os «Sonetos e Rimas» á pagina 74 e lá encontrará a «Nhanhã» que começa assim:

«Um dia apresentaram-me. Ella lia
N'um canto do salão.
Deixou cahir aos pés o livro—e ria,
Estendendo-me a mão.

«Mão de princeza, fina, delicada,
De tão macio alvor
Qual se a talhara alguma boa fada
No calix de uma flor».

e assim por diante, sendo TODOS, sem EXCEPÇÃO DE UM, agudos, os segundo e quarto versos.

Como comprehende-se essa regularidade? Qual foi o espirito que presidio a essa RIGOROSA UNIFORMIDADE? Prosigo.

Vejá logo adiante, no mesmo livro, á pagina 144 no «Arrulhos de namorados» que principia:

Não vês aquelle riacho
Que da explanada desceu
E uniu-se lá abaixo?
Ella és tu, elle sou eu.

«E tua vês quellas palmas
Que enlaçam rigos cipós &&&».

Durante toda a poesia, presete bem attenção, «toda», sem discrepância de uma só vez, o segundo e o quarto verso são agudos, porque?

E' o acaso ainda?

Em identidade de circumstancias estão a «Senorita», á pagina 181, e a Cantiga (pag. 188). A «Sertaneja» (pag. 192) que V. bem conhece, tanto que até PROCUROU IMITAR, é tambem um exemplo do que affirmo.

Ha ainda no volume citado outros casos que não menciono para não estender-me. Vou agora compulsar as «Primaveras».

Logo a primeira poesia, que intitula-se «Exilio», apresenta os agudos em relação. Vejamos:

«Eu nasci alem dos mares:
Os meus lares,
Meus amores ficam LÁ!
—Onde canta nos retiros
Seus suspiros
Suspiros o SABIÁ.

Oh! que céu, que terra aquella,
Rica e bella
Como céu de claro ANIL!

Que se viva, que luz, que galas,
Não exhalas
Não exhalas meu BRAZIL».

E assim por diante, SEMPRE o 3.º e o 6.º são agudos.

Vejá que não estou argumentando com os Olavos, os Guimarães, os Murats; que não é de nenhum «novo» a poesia transcripta, mas do Summo Pontifice, (seu), do seu congochoso Casimirinho, de saudosa memoria, e, portanto, «chapeau bas, chapeau bas monsieur le marquis de Carabas!».

Na poesia «meu lar» que começa assim

«Se eu tenho de morrer na flor dos
(annos

Meu Deus não seja já!
Eu quero ouvir na laranjeira á tarde
Cantar o sabiá

Meu Deus eu sinto e tu bem vês que
(morro

Respirando este ar,
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de
(novo

Os gosos do meu lar.

são «sempre» agudos o segundo e quarto versos.

Lembra-se do que observei-lhe com relação á «Moreninha»? Pois apresenta tambem essa relação entre agudos, por causa d'aqual vou caceteando-o n'este momento.

Vejá:

«Moreninha, moreninha,
Tu és do campo a rainha,
Tu és senhora de mim;
Tu matas todos de amores,
Faceira, vendendo as flores
Que colhes no teu jardim,

Quando tu passas n'aldela,
Diz o povo a bocca cheia:
«Mulhermais linda não ha!»

O 3.º e o 6.º «sem exceptuar uma vez», são agudos:

Para abandonar o systema de transcripções que me robaria todo o espaço de que disponho, vou mencionar apenas as poesias em que os casos são encontrados. N'essas condições temos: «Na rede» (pag. 189), «Poesia e amor» (pag. 195), «Scena intima» (pag. 203), «Borboleta» (pag. 216), «Canto de amor» pag. 220), «Sonho de virgem» (pag. 225), «Assim!» (pag. 226), «Sempre onhos!» (pag. 228), «Pepita» (pag. 232), J. J. C. Macedo Junior» (pag. 268) e &&& porque do contrario teria de citar quasi todas as composições das «Primaveras».

Não resisto ao desejo de apresentar, ainda com referencia ao assumpto, alguma coisa de um «novo», que não recebe licções de nenhum «velho», ainda mesmo que esse velho seja o meu querido amigo.

Refiro-me as «Poesias» (1884 87), de Olavo Bilac. Leia V. o «Beijo Eterno» (pag. 193), «A Canção de Romeu» pag. 213).

A ultima citada começa assim:

«Abre a janella... acorda!
Que eu, só por te acordar,
Vou pulsando a guitarra, corda a
(corda

Ao Luar!

As estrellas surgiram,
Todas: e o limpo véo,
Como lyrios alvissimos, cobriram
Do céo

De todos a mais bella,
Não veio ainda porem
Falta uma estrella... E's tu! Abre a
(janella

E vem!

e assim até o fim, meu muito querido amigo.

Como explica a correspondencia absoluta entre os agudos das composições mencionadas aqui levemente?

Houve ou não proposito manifesto dos tres autores a que recorri de estabelecer essa correspondencia?

Si é uma realidade esse proposito, que aliás duvido muito que conteste apezar de saber que pode-se applicar a si a celebre expressào de Horacio—«majores pennas nido», apezar de saber que o meu caro amigo é extraordinariamente ousado, se é uma realidade esse proposito, a lei da relação de agudo para agudo, de grave para grave, e de esdruxulo para esdruxulo que pedi emprestada aos mestres e citei-lhe, é ou não verdadeira?

«O peor cego é o que não quer enxergar», e estou plenamente convencido que é o que da-se consigo. Previno-o de que é a ultima vez q' sobre este ponto me externo; o assumpto está esgotado e a continuar ficaríamos presos em um circulo vicioso, nada mais podendo alcançar a não ser a «paulificação» dos leitores.

Passo adiante para não estar a perder tempo.

Escreveu V.; «Causa tedio a pertinacia com que insiste nos imaginarios erros de metrica»; e logo adiante «Emfim DOU DE BARATO QUE V. TENHA RAZÃO quanto á primeira poesia (Lenda Civil), mas, quanto a segunda (Em nome de uma pernambucana), deu um verdadeiro couce (empreste-me a amabilidade)».

Meu querido Valdivino V. está desarrazoando; então Tobias Barretto, o autor das duas poesias que citou, teve duas metricas uma para avaliar os versos da «Lenda civil» e outra para os da «Em nome de uma pernambucana».

Se V. affirma que tenho razão quanto a primeira, implicitamente não affirma que tenha razão quanto á segunda?

Concordou commigo em que nos varios fragmentos que tomei da «Lenda civil» o verbo «E» não formou hiato com a vogal seguinte; porque porem não fallou des outras poesias á que recorri?

Desafio-o solemnemente a q' venha contar syllaba por syllaba os versos que vou citar, e a que demonstre o hiato entre o E e a vogal seguinte.

Temos para começar os seguintes heroicos da «Lenda civil».

E' ALLI que uma deuzza attrae e prende
Em longos fios de cabellos negros...

«E' ELLE, o triste, o misero q' soffre...
Vendo-o a deidade nem sequer se move».

Depois temos os seguintes de arte maior da «Lenda rustica»:
«Caminha... e sahindo n'um largo

(terreiro,
Quem visse-lhe o gesto diria ÉAQUI !..

Não é necessario estender-me por mais tempo sobre esta parte; antes de passar adiante, porem, permitta dizer-lhe o seguinte: não discute-se como faz V. O meu amigo não analysou um só dos casos que apresentei, deixando pois de pé toda a minha argumentação; devia destruir, ou procurar destruir o que eu disse para depois então exemplificar; procedendo de modo contrario isso denotou toda sua fraqueza.

Não conformando-se com a contagem que fiz do seo alexandrino, disse: «Veja como contam os metros» (pre-umção e agua benta, cada «metro» como V., meu amigo Valdivino, toma a parte que convem-lhe:) Fu (1) gi (2) a a (3) mi (4) nha es (5) trel (6) la o (7) as (8) tro (9) meu (10) sau (11) do (12)».

Palavra que não calculava com essa, pelo motivo que no fim apresentarei.

Começo por provar-lhe que o «O» não é syllaba aguda e n'estas condições é absorvido pela vogal que o segue

São de Bilac os seguintes versos:

«Invejo o OURIVES quando escrevo:
Imito o amor.

Com que elle, em ouro, OALTO relevo
Faz de uma flor.»

«O ALVO crystal, a pedra rara,
O ONYX prefiro».

«E o INDIO, tremulo, ouvindo aquillo
(tudo absorva

A alma e... acismas, seguio, curva
(a cabeça ao peito...

«Da guerra bruta, e ENTRECHOCAR
insano

Dos tacapes vibrados rijamente»,

«O maracá e as flechas, o ESTRIDENTE
Troar da inubia, e o kanitar india-

no...

«Tem o OLEAR de uma DEUZA E O AL-
TIVO peito

Dos cruentos guerreiros de outra
idade».

Nos «Sonetos e Rimas» encontro ainda exemplos; vejamos:

«Como um raio de luz illuminar
o ABYSMO.

(Gritos: Fora o truão ! fóra o torpe
lyrismo !)

«O rubro facho q' a discordia atiga,
O HORROR do velho, o ASSOMBRO da
creança.»

O ESCRAVO moribundo ergue os bra-
ços trementes,

Tentando espedaçar do pulso as vis
correntes».

Depois destes exemplos a conclusão que tiro é a seguinte: ou Olavo e Luiz Guimarães erraram fazendo absorver pela vogal seguinte o «O» em todos os versos que ficam apontados, e V. acertou, ou vice-versa. Não zangue-se commigo; porem creio que dos tres quem está em erro é V. Engano-me?

Para elucidar melhor a questão vou proceder a um estudo comparativo entre o heroico (?)

«E' ante gosar o que no céu se gosa»
e o alexandrino (!)

Fugia a minha estrella, o astro meu
saudoso».

E' realmente interessante o modo porque V. procura fugir da entaladela, quando accusado de ter escripto errados esses dois versos. Accusam-n'o de ter feito o primeiro com onze syllabas, quando devia escrever um decasyllabo, e arranja logo «um hiato» entre É AN para eliminar a maldicta syllaba excedente, esquecendo que o E está accentuado, que destaca-se em absoluta de «antegosa». Que importa? E' o meio de fazer a conta redonda, e nestes casos a doutrina de Machiavel pode ser aceita sem relutancia. (Chamo bem a attenção para a particularidade do E ser muito agudo).

O promotor da accusação é, porem, impiedoso; agarra o

«Fugia a minha estrella &...»
e diz que falta-lhe uma syllaba. Como remover a difficuldade? pergunta o meu amigo a si proprio.

O melo unico é o reconhecimento do U como syllaba aguda; mas, fica assim em contradicção consigo depois das theorias sobre o «é». Não importa; se os factos assim o exigem, assim seja e immediatamente contou o (1) as (2) tro (3) & &.

Mas, pergunto agora, não é manifesta a incongruencia? Então o E, syllaba accentuada, é muda, e o O, é agudo? Comprehende-se que no mesmo artigo, com o intervalo apenas de meia duzia de linhas, V. espoze idéas tão descontraídas, somente porque servem os seus interesses? Respondam os competentes de nós dois quem faz «conta de chegar».

«Medico, cura te ipsum» são as primeiras palavras que escapam-me da penna, ao responder a parte de sua carta em que appreciou o meu «alexandrino coxo». Vou provar-lhe que V. é mais coxo do que elle.

Para demonstrar sua asserção estabeleceu a seguinte regra, que estudarei por partes: «Ensinam OS MESTRES (pela segunda vez, V. arvorou-se em tal) que si o primeiro hemistichio é grave, isto é, se termina por palavra que tenha o accento na penultima syllaba, DEVE ACABAREM VOGAL e em vogal deve tambem começar a pri-

meira palavra do hemistichio seguinte».

Começo refutando o principio de terminar o 1.º hemistichio grave, sempre, fatalmente, em vogal.

Darei preferencia aos alexandrinos de Guerra Junqueira, a quem V. (e estamos aqui de acordo) taxa de immitavel, na exemplificação a que vou proceder, para provar-lhe que enunciou uma lei falsa.

Queira ter a bondade de abrir commigo a «Patria», á pagina 58 e ler o seguinte:

«Nos vinhedos pombaes, nos montes ermídnhas,
Gados nédios, COLINAS brancas olo-

rosas,
Cheiro de sol, cheiro de mel, cheiro de rosas

Selvas fundas, NEVADOS pincaros, outeiros
D'olivaes, & &.

Conforme acaba de ver, o primeiro hemistichio do segundo e quarto alexandrinos citados são graves porque terminam pelas palavras COLINAS e NEVADOS que são paroxítonas; a ser verdadeiro pois o principio que V. estabeleceu, o Guerra em lugar de COLINAS devia ter escripto COLINA e o mesmo com relação a NEVADOS. Mas o genial autor da «morte de D. João», terá errado?

Vamos a outro exemplo; abramos a mesma obra a pagina 111, e leiamos:

«... A fraqueza traiçoeira
D'olhos de lynce e PASSOS mortos

de toupeira
Vence tudo.... Precisa um rei de heroismo audaz?»

Está tambem errado o primeiro alexandrino porque o autor não escreveu PASSO, como determina que deve ser a metrica do meu amigo?

Com os casos que ahí ficam demonstrei que é contra produtora a primeira parte de sua LEI, isto é, terminar por vogal o primeiro hemistichio grave; vou estudar a ultima parte—no caso de terminar por vogal o primeiro hemistichio grave começar o seguinte por vogal.

Serve-lhe a autoridade do Guerra Junqueiro?

Abramos a «Patria» e leiamos:

«Meu caro duque MUITO BEM, va-

(mos agora
Resolvida a questão assignar sem

(demora
O pergaminho.» [pagina 30).

«E enquanto ás convulsões do leão

[popular,
Como diria o NOBRE DUQUE afou-

(tamente,
Respondo pelo bicho» (Pag. 31)

«Peçonha?... Não!.. CAUSAD'ISTO

(a causa é o doido
O raio do fantasma, esse maldito

(doido &»
(Pag. 33)

«E' cousa de bruxedo...
Não ando em mim... não ANDO BOM,

(tremo de medo...
(Pag. 34)

«E acredita, o PANDILHA SORNA

(o safardana
Sempre a beijar-me os pés, sempre

(a tossir de esgana
(Pag. 38)

E' grave ou não o primeiro hemistichio do alexandrino porque comecei, hemistichio que termina em MUITO; é grave ou não o do segundo alexandrino do segundo caso, (terminado em NOBRE); é grave ou não o do primeiro alexandrino mencionado em 3.º lugar (terminado em CAUSA); é grave ou não o do alexandrino mencionado em 4.º lugar (terminado em ANDO); é grave ou não o do primeiro alexandrino do derradeiro exemplo (terminado em PANDILHA)?

A resposta só pode ser affirmativa. Se é assim todos esses alexandrinos são coxos» por que conforme quer o meu amigo quando o primeiro hemistichio 'é grave e termina em vogal a primeira palavra do hemistichio seguinte deve começar por vogal, e em todos os exemplos de hemistichios graves que submetti á sua apreciação Guerra Junqueiro começou o seguinte hemistichio por uma consoante!

Agora a illação que tiro é a seguinte: ou V. errou estabelecendo um principio que é falso, ou, se o principio é verdadeiro, errou porque reputou o Guerra «impeccavel», «inimutavel», quando dá elle erros de tão baixo quilate. Em todo caso estou mais propenso a crer na falsidade da sua LEI do que nos erros do illustrado vate portuguez.

Depois da minha argumentação o que resta da sua regra?

Quero fazer-lhe, porem uma surpresa; leia estes alexandrinos de Luiz Guimarães, encontrados no soneto A AVÓ, á pagina 31 dos SONETOS E RIMAS:

«Mas o seu PENSAMENTO CAI., de azas

(quebradas,
Sobre a cruz de uma negra e fria se-

(pultura.

Estará errado o primeiro alexandrino? O primeiro hemistichio é grave, termina em PENSAMENTO, e o seguinte que a prevalecer a sua douta opinião devia principiar por vogal começa por uma consoante, pela palavra CAI.

Errou o Principe, tambem?

Ora se esses casos são identicamente semelhantes ao meu

«Eu sei que és vil e infame, Cleopatra boçal»

porque incidem na mesma hypothese de ter o primeiro hemistichio grave e de começar o seguinte por uma consoante; se eu tenho plena certeza que o meu amigo, apesar de toda a audacia até hoje demonstrada, não chegará a affirmar que Luiz Guimarães ou Guerra Junqueiro tenha errado, desafio-o a que continue a affirmar que é «coxo» o meu alexandrino. Se classificar de tal ao meu terá classificado assim tambem aos do Guerra e Guimarães, e tal

companhia é-me por demais honrosa.

Quer que adiante lhe mais? Antes quero errar com o autor dos "Corymbos" e o dos "Simples", a acertar consigo, apesar de toda sua sapiencia. Perdõe a franqueza e disponha do seu

ABDIAS NEVES.

PARA DISTRAHIR

Logogriphos

I—A. G. Cavalcante e J. Ferreira Moreira.
Fogosa,—4, 11, 11, 12, 10, 8, 13, 4, 7, 8.
Chibante,—5, 4, 11, 11, 3, 7, 8.
Mimoso,—7, 12, 10, 3, 0.
Faceira,—4, 7, 12, 9, 3, 4.
Formosa,—10, 12, 9, 9, 4.

Corada
Qual rosa,—7, 2, 8, 9, 3, 4
Como ella
Haverá?—1, 12, 11, 4.
Tão blla
Não ha,
Provar-vos

Vou já,—8, 5, 6, 11, 4.
Conceito.
Podeis vós procurardes no mundo (inteiro)

Entre moças, vos juro, não vereis;
Porém, se os meus amigos conhecer (des,
Entre elles certamente encontrareis.
Zè ta Bes.

II—Aos pichotes

Fujamos d'este safado,—4, 5, 2, 1, 3.
D'esta sujeita malvado,—2, 3, 5.
Eis o que todos temos,—1, 3.
de ser, quando morremos—1, 5.
Quereis conceito, leitor?
Visto como o tenho de dar;
P'ra poderdes decifrar,
Digo-vos que o todo e cor
D'um homem de Malabar.

Plantão.

Charadas

E' cousa que o homem tem.
Mais ou menos regular—2
De cabellos encrespados—2
Para às moças offertar.
Conceito

E' o que tenho a declarar
À vós que ides herdar.
S. Baptista.

Enigma

(Retribuição—Ao Zè ta Bes).
A' postos, charadista notavel!
Zè ta Bes, para a frente! Grão.)
Decifra este; è provavel
Que quem te fala, não mente;

—Possuo ao todo cinco letras,
Prima á ultima sendo igual.
Ave eu 'vou (se soletas)
Do condor uma rival;

Uma consoante só tenho,
Com 4 vogaes em roda,
A Brazil eu nunca venho,
Do bigode estou na moda;

Insignia, constellação;
Ordem, moeda, talento,
Tudo vou na creação:
Dito isto, termino e sento.
Th. Dalbret.

Decifrações

Luiza Amelia de Queiroz, Luiza
Jamais, Crocal, Carcova, Luiza A-
melite, Saturno (decap.)
Benigno e Amado.

Decifradores

Nenhum campeão d'esta vez se
apresentou.

CANHENHO DA PORTA.

Sindbad—o—Maritimo.—Não irá ao
Jimbo seu logogriphio, se revelar
son nom.

Haraclydes. (Barras) Peutêtre, Mr.
au prochain numéro.

Por conta alheia

A Sul America.

22.º PAGAMENTO.

Pará, 27 de agosto de 1898.

Illms srs. directores da
Companhia «Sul America»
Rio de Janeiro.—A presen-
te tem por fim comunicar a
VV. SS. que acabo de rece-

ber da mão do digno repre-
sentante de VV. SS. aqui,
o sr. commendador Alredo
Garcia, a quantia de dez
contos de réis (10:000\$000),
importancia esta da apolice
n. 3039, pertencente ao fal-
lecido Achilles de Souza Ru-
bim, e por quanto estava
elle seguro n'essa compa-
nhia.

Cabe-me, em meu nome
e no da exma. viuva, scien-
tificar a VV. SS. o nosso
agradecimento pelo modo
prompto porque providen-
ciaram sobre a legalisação
dos papeis da prova da mor-
te, e a presteza com que
acabam de realizar o paga-
mento de réis dez contos
(10:000\$000).

Reiterando os meus agra-
decimentos á illustre direc-
toria da «Sul America», res-
ta-me recommendar tão hu-
manitaria instituição ao po-
vo brasileiro pela hombrida-
de do seu procedimento
e solida garantia que offe-
recem suas apolices.

Subcrevo-me com a mais
elevada estima e considera-
ção de VV. SS. muito atten-
to, o criado e obrigado

JOSÉ LUIZ GOMES

Bacharel em direito.

Reconheço a assignatura
supra.

Pará, 2 de setembro de
1898.

Em testemunho TLC da
verdade

Theodosio Lacerda Chermont.

FELICITAÇÃO

«13 DE DEZEMBRO DE 1898».

OTHILIO TAVERNARD.

Pela feliz data de hoje,
em que venceste mais um
anno na ardua batalha da
vida, comprimentão-te os
Teus, irmão e amigo

L. Tavernard.

A. Leite.

Caixa geral das familias

Sociedade de seguros sobre a vida
em mutualidade

Pagamento de 10.000\$000

Illms. srs. directores.—

Na qualidade de procurador
da viuva do dr. José Teives
de Alencar, encarregado de
liquidar, na acreditada so-
ciedade Caixa geral das fa-
mílias, o seguro sobre a vi-
da que o mesmo ahi fizera
pela apolice n. 738, da quan-
tia de dez contos de réis
(10:000\$), agradeço á sua
digna administração a pres-
teza com que fez o intregal
pagamento, o que attesta a

boa ordem, criterio e solidez
d'essa sociedade.

Manoel de Miranda Leão—
Como testemunhas:—Alfre-
do S. Moreira.—Camilo de S.
Guimarães.

Capital Federal, 10 de no-
vembro de 1898.

Aqui, alli e alem

Grave

Ha quatro ou cinco dias
que a carne vendida no mer-
cado attingio um preço sem
exemplo entre nós. O kilo-
gramma está custando 1\$
reis e 1\$200, e nem ao me-
nos resta-nos a esperança
de uma melhora provavel.
Para quem appellar?

Nova composição

O conhecido maestro Pe-
dro Nunes acaba de enri-
quecer a colleção de suas
mimosas composições muzi-
caes com uma esplendida
walsa, que offereceu ao nos-
so collega de redacção dr.
Abdias Neves.

Sabemos que tem por ti-
tulo 15 DE DEZEMBRO.

E' encantadora.

Festa de S. Luzia

Terminaram-se a 13 des-
te os festejos da gloriosa
Santa Luzia, que foram ce-
lebrados em casa do capitão
João Costa.

Continuaram sempre em
muita ordem e gosto, tendo
sido sumptuosas as noutes
de 9 a 13, quando foi posta
em pratica tudo que de bel-
lo e adequado ao acto se po-
dia fazer nesta terra.

Jury.

Encerraram-se a 15 deste
os trabalhos da ultima ses-
são do Jury, deste anno.
Neste dia entraram em jul-
gamento e foram absolvidos
unanimemente os srs. José
Tavares da Silva e Manoel
José Moreira Leão.

Nascimento

Por delicada communica-
ção sabemos do nascimento
de dois filhinhos do sr. dr.
Elias F. de Souza Martins,
que receberam os nomes de
Raymundo Firmino e José
Nilo.

Fazendo votos pela feli-
cidade dos dois entesinhos,
enviamos prolfças ao ven-
turoso pai.

Portugal e Brazil

Com este titulo foi nos
offerecido um numero de
um magnifico periodico que
acaba de apparecer em Por-
tugal. Traz muitos retratos
entre os quaes o do dr. Cam-
pos Salles finamente colo-
rido.

Vende-se em casa do sr.
Firmino Paz, que nos offere-
ceu, pela quantia de 300 rs.
o n.º

Vapor Piauhy

Segue a 21 para a Parna-
hyba em viagem extraordi-
naria este barco da compa-
nhia de navegação do Par-
nahyba.

Dr. Valente de Figueiredo.

No trem de quinta feira
ultima regressou ao Mara-
nhão, o notavel piauhyense
cujo nome encima estas li-
nhas.

Feliz viagem.

José Luiz Baptista

Soubemos ter feito o seu
primeiro acto preparatorio
no curso annexo a Polyte-
chnica, no Rio de Janeiro,
o nosso distincto patricio
José Luiz Baptista, tendo
sido approvedo plenamente.

Nossas felicitações a sua
exma. familia.

Enripedes C. de Aguiar

Este talentoso moço piauh-
yense, que cursa a Facul-
dade de Medicina da Bahia,
acaba de fazer com o maior
brilhantismo exame das ma-
terias do 2.º anno, sendo
approvedo com distincção.
Felicitamal-o e ao seu illus-
tre progenitor, dezembargador
Helvidio Clementino
de Aguiar.

Ferías escolares

No dia 12 do corrente a exm.ª sr.ª
d. Carolina Lemos, digna profes-
sora particular d'esta cidade, deo fe-
rias ao bando alegre e garrulo das
suas discipulas.

O collegio d'esta distincta educa-
dora è composto em sua maioria, de
meninas menores de 10 annos, to-
das as quaes la estavam no dia das
ferias, com as mãos cheias de flores
e o riso da innocencia nos labios.

A professora despediu-se de suas
discipulas com um pequeno discurs-
so, capaz de ser comprehendido pe-
los corações infantis do seo audi-
torio. Nessa occasião tambem leu
um expressivo discurso, analogo ao
acto, o intelligente jovem Themis-
tocles Avellino, que foi muito ap-
laudido, pela calma com que soube
recital-o.

A noite, as creanças, no meio de
muitas flores e musica, dansaram até
às 10 horas, quando voltaram a casa
para narrar as suas mões todas as
alegrias daquelle dia.

Parabens a exm.ª sr.ª d. Caroli-
na Lemos.

Fallecimento

Na idade de 38 annos fal-
leceu em Natal, no dia 13
deste o sr. Honorio José da
Silva, membro de uma das
principaes familias deste
Estado.

Deixa viuva em estado
adiantado de gravidez e dois
filhinhos de tenra idade. Era
uma alma generosa e boa.

Pesames a desolada viuva
e aos demais membros de
sua exma. familia.

Paz a sua alma.